

## Orô

Breno Fernandes

*Era uma vez um grande caçador,  
que gostava de andar pelo mundo sem parar.  
Seu nome era Orô  
e era filho de Iemanjá.*

O mundo todo parecia inclinado 45° para a direita, e coincidentemente já fazia 45 minutos que a fila do acarajé empacava. Tinha vontade de abandoná-la, mas alguém que passara o dia todo bebendo, sem comer, precisava de um acarajé para continuar bebendo.

Além do mais, sua posição era totalmente favorável para que aquele cara de braços nus, nariz adunco e rosto meio encoberto pelo cabelo grande e barba cerrada continuasse a lhe fitar. A lhe secar, melhor dizendo -- a lhe comer com os olhos.

E também para que o outro, com quem ela viera, e com quem acabara de brigar, visse que não lhe dava a mínima; que ele era completamente substituível.

*Orô viajada, caçava<sup>1</sup>  
e conquistava seus amores.  
Todas as mulheres tinham uma queda por Orô  
e ele adorava estar em sua companhia.  
Um dia Orô achou que era hora de assentar na vida.  
Orô casou-se.  
Era então o caçador pacato,  
que esperava ansioso o nascimento do seu primogênito.*

Foi tudo muito rápido. O barbudo se aproximou, lhe estendeu o copo, lhe ofereceu um cigarro e lhe convidou, numa voz rouca, para comer crepes, ali no Rio Vermelho mesmo, num lugar próximo e tão badalado quanto a Dinha.

Quando passaram pelo outro, ela fez questão de agarrar o braço musculoso do seu novo acompanhante e elogiar sua bonita tatuagem, uma espécie de berrante.

*Mas sua mulher o traiu  
e abortou seu filho.  
Orô não a perdoou  
e desde então odiou as mulheres.  
Retirou-se para as matas que cercavam a cidade  
e nunca mais mulher alguma o viu.*

-- Badalado, hein? – ela esboçou um riso safado, destes secretos, que só o álcool pode libertar de dentro de alguém, antes de morder com volúpia o lábio do estranho.

Não sabia dizer onde estavam. Em alguma ruela do bairro, deserta, escura, encostados em uma árvore centenária.

---

<sup>1</sup>PRANDI, Reginaldo. *Orô é traído pela mulher e se afasta do mundo*. In: *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras (2001): pp. 186,187.

-- Vai dizer que você não gostou? -- sussurrou ele. -- Vai ser inesquecível.

Aquele homem parecia um gigante; para cima ou para os lados, ela só via seu corpo, estendendo-se até o horizonte. Suas mãos seriam capazes de envolvê-la como um casulo, e foi justamente o que ele fez. As roupas se rasgaram: era a hora da borboleta. Ele a ergueu, um primeiro incentivo para um vôo bem-sucedido. Com as pernas e braços presos às costas dele, ela descia e subia, descia e subia, voando, voando, talvez já próxima à lua -- se fosse noite de lua.

O orgasmo veio e destronou todos os sentidos, para reinar impávido naquele corpo. Sim, era mesmo um soberano: o soar de berrantes não deixava dúvida. Abram caminho para o rei!

Então ela se viu refletida em duas estrelas pairadas dentro da escuridão da copa da árvore. E se aproximavam cada vez mais, com um barulho cavernoso. Sentiu um medo tão grande que suas asas caíram, voltou a ser uma simples lagarta, agora desprotegida. Não, não eram estrelas, e sim os olhos vorazes de um pássaro assassino, mergulhando em sua direção. Um pássaro de presas?

A pobre lagarta levou as mãos à frente do rosto, como se o ato de não ver afastasse de si o que cria sem muita certeza ser uma alucinação.

E foi puxada.

*Quem de Orô se aproxima, de dia ou de noite,  
pode escutar sua voz cavernosa e horripilante,  
grave como o som dos berrantes.  
(...)  
e todos o temem e o evitam.  
Evitam até mesmo ouvir o pavoroso som de sua garganta,  
especialmente as mulheres, que ele odeia  
e culpa por sua triste sina.  
Vive na mata, onde aplica sua justiça,  
devorando feiticeiros,  
criminosos condenados  
e mulheres adúlteras que os homens lhe entregam.*

\*\*\*

Na sua voz rouca, ele cantou uma canção em iorubá até que os berrantes se calaram. Passada a fascinação do momento, ele acendeu um cigarro e se pôs a caminhar lentamente, sem rumo. Agora se sentia melhor. Prestara homenagem ao seu orixá, cujo símbolo -- o berrante -- levava tatuado com orgulho. Fizera seu ebó. E para Orixá Orô, cuja oferenda é melhor quando aumenta sua ira, nada mais apropriado que uma mulher.